

Doze países em África vão receber 18 milhões de doses de vacinas da malária. Será suficiente?

Medida será um passo importante para combater uma das doenças que mais mortes causa em África, mas o número de doses a serem distribuídas ainda será pouco para as necessidades.

Teresa Serafim

5 de Julho de 2023, 22:52



Teste à malária em Cabo Delgado, no Norte de Moçambique PAULO PIMENTA

Doze países de diferentes regiões em África irão receber 18 milhões de doses de vacinas da malária nos próximos dois anos, anunciou esta quarta-feira a Organização Mundial da Saúde (OMS) em comunicado. A vacina é a RTS,S/AS01 (também designada apenas como RTS,S) e foi a primeira vacina contra a malária a ser aprovada. Esta medida será um passo importante para se combater uma das doenças que mais mortes causa em África, mas o número de doses a serem distribuídas ainda será pouco para as necessidades.

O Gana, o Quênia e o Malawi irão receber as vacinas através do [Programa de Implementação de Vacinas da Malária](#). Estes países tinham já sido incluídos num estudo-piloto desde 2019, que permitiu vacinar mais de 1,7 milhões de crianças. Além destes três países, vão receber vacinas o Benim, o Burkina Faso, o Burundi, os Camarões, a República Democrática do Congo, a Libéria, a

Nigéria, a Serra Leoa e o Uganda. Estes países vão ter programas com esta vacina pela primeira vez, nota a OMS.

Espera-se que as primeiras doses [da vacina RTS,S](#) cheguem aos países indicados no último trimestre de 2023. A administração das primeiras vacinas deverá acontecer no início de 2024. As doses da vacina a serem distribuídas estão integradas na [Gavi, Aliança para as Vacinas](#), uma organização que assegura o acesso à imunização em países pobres.

Kate O'Brien, responsável pelo Departamento de Vacinas, Imunização e Medicamentos Biológicos da OMS, adianta no comunicado que a primeira distribuição das doses das vacinas será para crianças com elevado risco de morrer de malária. “A vacina da malária é um grande avanço para melhorar a saúde e a sobrevivência das crianças”, faz questão de afirmar.

“Esta vacina tem o potencial de ter muito impacto na luta contra a malária e, quando é utilizada com outras intervenções, pode evitar dezenas de milhões de mortes todos os anos”, afirma também no comunicado Thabani Maphosa, director dos programas de distribuição da Gavi em vários países. Thabani Maphosa diz que a Gavi está a trabalhar com a indústria para que a oferta de vacinas aumente, mas que de tudo fará para que “as doses que estão a ser usadas sejam o mais eficaz possível”.

O cientista [Miguel Prudêncio](#) diz ao PÚBLICO que o anúncio da distribuição das 18 milhões de doses é “um bom princípio, mas é só um princípio”. “É um passo importante do ponto de vista histórico em que se passa dos testes para a distribuição de vacinas, mas os números são poucos para o número de pessoas que necessita da vacina”, nota o investigador principal do Instituto de Medicina Molecular (IMM), em Lisboa, que lidera um grupo que faz investigação em malária e está a desenvolver uma vacina contra a doença.

[Prudêncio](#) realça que a RTS,S é uma vacina recomendada sobretudo para crianças até aos dois anos, mas, mesmo para o número de criança que necessita de uma vacina contra a malária em África, os números agora anunciados são poucos. Além disso, são, normalmente, dadas quatro doses a cada pessoa.

Milhões de casos e mortes em África

A RTS,S é uma vacina que actua contra [o *Plasmodium falciparum*](#), o parasita da malária que causa mais mortes no mundo e o mais frequente em África.

Esta foi a primeira vacina a ser recomendada para evitar malária em crianças em áreas de transmissão elevada e moderada de malária.

A distribuição de mais de 1,7 milhões de vacinas no Gana, no Quênia e no Malawi desde 2019 mostrou que a RTS,S era segura e eficaz. No comunicado, a OMS destaca também que esse estudo-piloto mostrou que a vacina causou uma “redução substância na malária grave e uma quebra na morte de crianças”. Nesse sentido, 28 países em África mostraram interesse em receber a vacina. A vacina foi desenvolvida e é produzida pela empresa GlaxoSmithKline (GSK).

Miguel Prudêncio destaca a importância desta vacina, que foi a primeira a ser aprovada contra a malária, mas nota também que tem apenas 36% de eficácia contra malária grave em crianças. Este é um objectivo ainda longe dos 75% de eficácia marcados pela OMS.

Como tal, indica que estarão para vir e ser aprovadas outras vacinas com maior eficácia, como R21/Matrix-M, que foi desenvolvida pela Universidade de Oxford e produzida no Instituto SÉRUM na Índia. A OMS já veio dizer que esta vacina poderá ser pré-qualificada em breve, o que quer dizer que cumpre os requisitos para ser utilizada. Miguel Prudêncio realça que testes em África com esta vacina já mostraram que tem 75% de eficácia contra qualquer tipo de malária.

A malária continua a ser uma das doenças que causa mais mortes em África. Só em 2021, estima-se que houve 247 milhões de casos de malária no mundo, sendo que 619.000 terão resultado em mortes – grande parte delas terão sido de crianças. África é o continente com mais (quase todos) os casos e mortes de malária: 95% dos casos e 96% das mortes acontecem nesta região do mundo.

As vacinas estão entre as grandes medidas contra a malária. Estima-se que, por ano, haja uma procura entre 40 e 60 milhões de vacinas até 2026, de acordo com a OMS. Esse número deve crescer para 80 a 100 milhões de doses por ano até 2030.